

LITERATURA, ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS DE REEXISTÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

PET Letras UFAL

ENTREVISTA

Ana Lúcia Silva Souza

Na oportunidade de realização da XII Semana de Letras, em outubro de 2019, cujo tema central prestigiava os encontros entre a ciência e a arte evidenciados nas possibilidades da interdisciplinaridade da linguagem, a Professora Doutora Ana Lúcia Silva Souza, conferencista do evento, concedeu entrevista a um grupo de petianos/as.

Ana Lúcia Souza é professora do Departamento de Letras Vernáculas e integra o quadro permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras – da Universidade Federal da Bahia. Com graduação e mestrado em Ciências Sociais e Doutorado e Pós-Doutorado em Linguística Aplicada, Ana Lúcia é referência na discussão sobre letramentos emergentes. Com essa formação acadêmica e atuação profissional, desenvolve pesquisas e projetos de extensão, envolvendo os temas letramentos de reexistência, culturas, identidades, juventude negra, *hip-hop* e educação diaspórica, colaborando principalmente com a formação inicial e continuada de professores.

Nesta entrevista, a professora Ana Lúcia mostra que a cultura *hip-hop* tem sido um instrumento para que os jovens negros assumam a sua negritude e valorizem a sua ancestralidade. Também comenta sobre práticas de letramento na sociedade atual, cultura negra e escola, docência e o livro *Letramentos de reexistência*, publicado pela Editora Parábola, em 2011.

Pergunta 1: O seu livro *Letramentos de Reexistência* traz algumas reflexões sobre o movimento cultural *hip-hop* como agência de letramento. Levando isso em consideração, pergunto: como a senhora vislumbra as contribuições das práticas desse movimento na sociedade contemporânea, mesmo diante das dificuldades e da conjuntura política atual?

Eu tenho muito orgulho de, em algum momento da minha vida, ter pensado o *hip-hop* como uma agência de letramento. Na Universidade Federal da Bahia, o meu grupo de pesquisa trabalha com esses letramentos vernaculares e, cada vez mais, é possível perceber a potência

desses usos de linguagem que são um sinônimo de vida para as pessoas. Nesse momento, em que de alguma forma a tentativa de silenciamento e cerceamento está posta para a nossa jovem democracia, são esses movimentos que vão trazer para nós novos ares. São esses movimentos que vão dizer de que forma agrupamentos socialmente minorizados e as periferias têm conseguido ao longo do tempo respostas para algumas questões. É óbvio que nesse momento nós temos agravamentos de ordem social, econômica e política, mas não é novidade, historicamente, nós conhecermos as respostas desses grupos diante das dificuldades.

Se nós formos pensar em letramentos de reexistência – que é pensar para além da resistência, com essa proximidade de dialogar com a física, algo que resiste –, esses grupos – quilombos, grupos de capoeira, a imprensa negra, os clubes negros, as escolas de samba, sempre colocados à margem – encontraram formas de pensar a cultura, de pensar aspectos sociais como estratégias políticas de resistência. E resistência nesse sentido é pensar não só respostas para dentro dos grupos, mas para fora deles.

Hoje, nós vimos no evento, por exemplo, jovens poetas que estão dentro dos coletivos fazendo da poesia, que nos livros é colocada como canônica, uma forma de se comunicarem com as pessoas e de refletirem sobre a sua própria condição como jovens, como pensadores. Além disso, possibilitam reflexões sobre como eles podem atuar dentro dos espaços escolares, fazendo com que outras pessoas falem, tragam a sua voz para o mundo, para os diferentes coletivos. Então, nesse caminho, pequenos grandes gestos como falar, produzir discursos entendidos como prática social, como ação, é fundamental. Nós nos constituímos pela linguagem, sendo assim, nós temos agora que nos constituir como sujeitos de luta, de uma luta política. E precisamos acreditar que essas pequenas revoluções cotidianas possuem efeito.

Pergunta 2: Por esse motivo é importante criar espaços de discussão para refletir sobre essas práticas de letramento na sociedade atual, que, às vezes, não são vistas, ficando à margem da sociedade, certo?

Exatamente. Esses próprios grupos que compõem a maioria da população brasileira conseguem dizer de nós, das nossas histórias, por meio de letramentos dos mais simples e cotidianos, como ouvir a história da minha avó, ouvir a história da minha família. Dessa forma, conseguem mostrar que isso me constitui, me sustenta nos diferentes espaços, no espaço escolar, em todas as etapas até chegar ao ensino superior, no espaço do trabalho, porque precisamos ganhar o nosso pão de cada dia, mas não necessariamente negando as nossas

identidades, muito pelo contrário, trazendo essas identidades como linha de frente até para sustentar algumas coisas que não sejam tão interessantes. Isso é fundamental. E só esses grupos poderão falar dessa forma.

O grande salto é: nós vamos conseguir entender as ações do micro também na hora de votar, na hora de eleger nossos representantes, as nossas representantes? O que já começa a acontecer até com novos modelos de tratar, por exemplo, as ações dentro da política. Nós vemos as mulheres, por exemplo, trabalhando como as "gabinetonas", as mulheres lésbicas dizendo "nós vamos construir uma forma de trabalhar em conjunto", pensando as pautas, pensando até mesmo a verba, a gestão de verba, pensando nas estruturas dos gabinetes que não são gabinetes separados, mas gabinetes onde as pessoas podem se olhar e conversar. Nesse momento de tensão, nós vamos encontrar esses espaços também de vida.

Pergunta 3: Em alguns de seus artigos, a senhora diz que os termos usados para se referir à cultura negra estão ganhando novos significados. De que forma a senhora consegue enxergar essas ressignificações e de que forma elas podem chegar ao ambiente escolar?

Podemos pensar em vários termos, modos de dizer que estão sendo recolocados, um deles é a própria palavra negro. Há um tempo um número menor de pessoas conseguia se dizer negro. A partir do momento em que novas formas de militância surgiram, a atuação dos movimentos começou a ganhar corpo. Também a partir do momento em que as instruções das ações afirmativas, principalmente na forma de cotas, foram ganhando outras dimensões e também se tornando políticas públicas neste país. Também a partir do momento do sancionamento da lei 10.639 e 10.645, ambas modificaram a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no artigo 26-A, falando de história e cultura afro-brasileira e depois história e cultura indígena, também instituindo o Dia Nacional da Consciência Negra. Toda essa movimentação fez com que as pessoas fossem entendendo a importância de considerar a sua cultura como uma cultura que construiu esse país, juntamente com outras culturas, mas em papéis diferenciados, na hierarquia sempre colocada abaixo, em termos de oportunidade e de direitos.

De um tempo pra cá, as pessoas colocam, não sem intenção ainda, não totalmente sem dores, mas com muito mais força, a palavra negra em evidência e coloca, por exemplo, nos seus cabelos crespos. Você não precisa subir no banquinho e fazer um discurso para dizer que é uma pessoa negra, mas você assume seu cabelo, você assume sua cultura, não de um lugar de

folclorização, mas de um lugar de cultura como vida, política, resistência e pensando nessa cultura não só no dia 20 de novembro, mas pensar a cultura e a forma de ser no currículo e nas relações cotidianas.

Tudo isso vai fazendo com que as pessoas tenham mais coragem para enfrentar o desafio que é se dizer negro numa sociedade ainda racista e se dizer negro/negra com todas as outras questões que estão em volta, gênero, raça, regionalidade, entre outras questões, a que chamamos de interseccionalidade. Temos menos medo de falar a palavra negro e a junção dessas categorias na categoria negro. Muitas vezes as pessoas perguntam “por que interessa juntar esses dois grupos na categoria negro?” Porque isso significa que nós entendemos como esses corpos circulam na sociedade. Atualmente, sabemos de forma explícita quem mais morre violentamente no Brasil, quem são as mulheres que têm menos ou o pior rendimento na saúde, isso não é só uma constatação, é pensar ações que possam reverter. Engana-se quem acha que essa nova forma de ver não está no cotidiano. As mulheres hoje sabem que elas têm que ir ao médico com muito mais força, falando mais alto.

Nesse momento, a linguagem revela um importante funcionamento. Eu acho extremamente importante quando se verbaliza, como a professora Lúcia de Fátima diz, que ao proferir o enunciado concreto “Eu sou Negro”, não se trata apenas de um emprego de um adjetivo ou de um substantivo. O enunciado trata da questão de ser negro no Brasil. Isso é muito forte. É interessante quando a pessoa consegue dizer “Eu sou negro”, por exemplo, na hora de fazer a matrícula na universidade. Quem vai se dizer negro? Nós temos que, cada vez mais, nos dizer negro para concorrer às vagas reservadas, para que pessoas brancas não queiram se dizer negras. Isso é extremamente importante! Se dizer negro significa mais uma luta para ocupar espaços que hoje, de alguma forma, as políticas públicas, fruto de lutas históricas, destinam aos negros. Significa também gostar da cultura negra, gostar da forma de dizer, da forma de usar os cabelos, da forma de usar as cores, da forma de fazer guerra, que é com alegria, com música, com dança, com comida, com celebração.

Eu acho que é entender que uma Semana de Letras tem que promover o diálogo com o *hip-hop*, por exemplo, o diálogo com os jovens poetas do “busão”. E o que isso tem a ver com a escola e a educação? Nós vamos começar a entender que isso é literatura. Portanto, temos que mudar o currículo, temos que mudar os livros didáticos, temos que chegar à sala de aula e, antes de dizer qual é o conteúdo, perguntar: quem é você que está na minha sala de aula? Essa é a regra número um do primeiro dia de aula letivo. Se eu quero fazer um bom ano para mim e para

as pessoas que estão aqui, preciso descobrir como as pessoas se nomeiam na sala de aula, isso é fundamental.

Pergunta 4: Eu queria saber da senhora o porquê de as pessoas terem tanto medo, e digo isso da academia, do movimento *hip-hop* enquanto força. Quando o livro do grupo Racionais MC's, baseado no disco *Sobrevivendo no Inferno*, foi incluído na bibliografia da Unicamp, algumas pessoas reclamaram, xingaram e disseram que o livro não podia entrar na lista porque não é literatura. Gostaria de saber como a senhora consegue enxergar esse posicionamento e de onde vem esse medo e essa força do *hip-hop*?

A obra dos Racionais MC's entrará na Unicamp a partir do ano que vem. Isso significa pensar que, se ela está no vestibular de uma das universidades mais elitistas do país, as escolas confiam que as pessoas que podem concorrer ao vestibular vão ter que trabalhar essa obra dentro da escola. Isso significa um deslocamento em relação ao que se considera literatura. A entrada de Racionais MC's em um vestibular é fruto de reivindicações de grupos, incluindo professores e professoras, que atuam nesse espaço; a entrada de Racionais MC's significa o resultado de uma luta histórica dos movimentos negros que há 500 anos lutam para que sua cultura esteja nesses espaços.

Antes de Racionais MC's, vêm Carolina Maria de Jesus, Cadernos Negros na Bahia; não apenas um trechinho, fragmento no livro didático, mas vêm como uma obra a estar dentro do vestibular, do Enem. Isso significa disputar a ideia do que é literatura. Disputar na área de crítica literária, por exemplo, as chaves de leitura dessa literatura. Então, como fica? Nós teremos que estudar de novo. Como eu penso um eu lírico em *Negro Drama*, do Racionais MC's? Aquele eu lírico único? Temos que descobrir outra possibilidade de pensar literatura. Vamos dialogar com pesquisadoras que têm outra leitura de mundo, o pessoal de teoria literária, como Conceição Evaristo, Livia Natália, Fernando Felizberto, Henrique Freitas. Não por acaso grande parte desses pesquisadores que hoje repensam as teorias sobre literatura são jovens pesquisadores/as negros/as. Quem é capaz de fazer essa análise? Pessoas negras que de dentro vêm pensando essa literatura ou pessoas dispostas a isso. Temos vários outros nós. Como estamos em um campo de tensão e de disputas por epistemes e formas de ver o mundo, eu prefiro citar as pessoas com as quais eu tenho conversado ultimamente. E outra coisa muito interessante é: como separamos a literatura de língua? Quem é que separou? Como juntamos? E quando repensamos os letramentos, qual é o lugar da oralidade? O lugar da *performance*?

Vamos dar espaço não só para Racionais, mas para os poetas de “buzu”, como se diz em Salvador. É literatura? Podemos pensar o grafite como escrita? O picho como escrita? Precisamos de coragem para olhar as teorias.

Pergunta 5: Atualmente, o debate que acontece na universidade é a desmotivação da profissão docente. Então, eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre o que continua sendo um estímulo e uma motivação para que continue gostando de atuar na sua área, como professora?

Algumas pessoas escolheram ser docentes, o que não é o meu caso. Eu trabalho desde os dezesseis anos em várias frentes de trabalho, como comércio, indústria... Eu também percebo que sempre nessas áreas há o lado educativo. Então, estou na universidade há quase dez anos e para eu ser docente não é só estar dentro da universidade, mas é também pensar esse trânsito entre a universidade e a comunidade. E sempre o que faz sentido é entender que o seu trabalho faz sentido para alguém e para isso precisamos ter mais perguntas e observações do que respostas. Trata-se de observar como o seu trabalho tem sido recebido nas comunidades e dentro da universidade e de, principalmente, aprender.

O que eu mais gosto no meu trabalho é de poder aprender com as pessoas com as quais eu estou trabalhando, que são os estudantes. E eu sei que, aqui em Maceió, vocês devem ser os melhores alunos e alunas de seus professores e das professoras, mas eu tenho os melhores alunos do mundo na Bahia. Às vezes, quando estou muito cansada ou desanimada para ir à aula, eu sei que o meu trabalho, por mais insignificante que alguém queira dizer que ele é, não é, porque se essas pessoas estão lá à noite, cansadas, depois de um dia de trabalho ou se elas estão lá desde muito cedo para assistir a uma aula é porque isso faz sentido para elas.

Eu sempre quero me desafiar a olhar para essas pessoas e interagir com elas. E agora também fico muito feliz quando vejo o meu livro circulando nas escolas, com as pessoas recolocando essa discussão sobre o *hip-hop*, que não é só sobre o *hip-hop*, é sobre a musicalidade diaspórica, sobre os trabalhos de comunidade... Tudo isso faz muito sentido e cada vez mais eu acho que a sociedade vai se obrigar a compreender que sem educação não conseguimos ir adiante. De uma forma ou de outra, vamos rever essa posição de quem é docente. Quem é docente não é necessariamente quem tem o diploma, mas é quem se dispõe a fazer essa troca e esse diálogo na produção de conhecimento.

Pergunta 6: A senhora também falou sobre olhar para a comunidade enquanto docente. Outro debate atual é que, às vezes, a universidade se isola e não estabelece um diálogo eficaz com a comunidade. Gostaria que a senhora falasse um pouco sobre como a Linguística Aplicada pode fortalecer esse elo entre universidade e comunidade.

Um dos pontos principais é que a Linguística Aplicada é aplicada. Nós trabalhamos com *corpus* que tem corpo, que tem vida e que tem emoção. É também um aprendizado. Eu creio que hoje qualquer comunidade ou qualquer grupo não quer mais ser chamado de objeto de pesquisa, quer ser sujeito de pesquisa e participante de pesquisa. A Linguística Aplicada na sua totalidade também está aprendendo a ouvir a comunidade e entendendo que a comunidade e os grupos que não estavam dentro da universidade hoje estão e trazem para as pesquisadoras e pesquisadores temas que antes não estavam colocados na pauta. Eu creio que isso é ouvir.

Ouvir quais são as questões importantes para a pesquisa. Nem sempre é o pesquisador quem diz, mas é a comunidade. E o outro aspecto é a negociação entre os dois: pesquisador e pesquisados. Uma pesquisa, epistemologicamente falando, por si só, é produção de novos conhecimentos, já é uma movimentação. Mas, quando o sujeito de pesquisa e as pessoas que fazem pesquisa dizem desse processo, é um sinal de que essa pesquisa percorreu um bom caminho de negociação e de diálogo. Eu acho que esse é um caminho e nós temos que aprender cada vez mais. As pessoas não são objetos para serem pesquisadas, elas querem ser participantes desse processo.

Quero dizer que ter feito a pesquisa de doutorado, há dez anos, me fez uma pesquisadora melhor e eu aprendi isso muito com o universo *hip-hop*, em especial meu grupo de pesquisa. Mas também outros disseram “você vai fazer pesquisa para quê? O que você quer com a sua pesquisa? Ela vai ficar parada na biblioteca, ninguém vai ler? O que você vai fazer com essa pesquisa?”. A partir daí eu comecei a pensar mais, não só nos meus compromissos com a etnografia e com a agenda da Linguística Aplicada, mas também com os sujeitos de pesquisa. Eu aprendi muito com o movimento *hip-hop*. Agora eu estou estudando, sendo parceira, estou mais aprendendo que estudando, com os grupos de sarau e o *Slam*, e quando, às vezes, estou cansada, vou para as rodas de poemas e saio de lá bastante fortalecida. As rodas de poemas e de *Slam* têm sido minha biblioteca, minha grande biblioteca. Obrigado pelo convite e me chamem mais vezes!

Entrevistador/as:

Natália Oliveira de Souza

Rafael Lima Lobo dos Santos
Thalyta Vasconcelos de Siqueira

Retextualização:

Anderson da Silva Pereira
Fabiana Pincho de Oliveira
Rafael Lima Lobo dos Santos
Thalyta Vasconcelos de Siqueira